

# Materialidade dos textos: coleccionismo, encadernação e literatura (sécs. XVII-XIX)

## *Material Texts: Collecting, Bookbinding, and Literature (17th-19th Centuries)*

**Ana Utsch**

Universidade Federal de Minas Gerais  
(UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR  
anautsch@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-3458-0301>

**Resumo:** Habituada ao sistema moderno de classificação dos textos, que se consolida entre os séculos XVII e XIX com a progressiva normatização dos códigos bibliográficos e individualização do volume que dá forma ao livro, a história da transmissão dos textos acaba por se esquivar da maneira como as transformações próprias da sua organização e atribuição incidem nos seus processos de criação e circulação. Além de trazer uma síntese dos modos como as práticas bibliográficas de classificação se relacionam diretamente com os critérios de produção da própria ficção, seja sob a forma das Belas Letras seja sob a chancela daquilo que viria a ser a literatura, o artigo investiga o impacto da materialidade sobre o estatuto simbólico dos textos. A análise é dividida em duas partes: a primeira explora uma transição crucial iniciada em meados do século XVII, que passou de um sistema em que miscelâneas e compilações de textos organizados pelos leitores dominavam, para uma estrutura bibliográfica baseada em volumes de autor único, com uma associação clara entre autor, título e volume; na segunda parte, já no século XIX, examina-se como a literatura, com o triunfo do romance, dos nacionalismos e da figura do autor, se manifesta na superfície dos livros, tanto no mercado editorial quanto no universo do coleccionismo.

**Palavras-chave:** classificação dos textos; literatura e biblioteca; coleccionismo; transmissão literária; miscelâneas; encadernação.



**Abstract:** The modern system of text classification was consolidated between the 17th and 19th centuries, marked by the standardization of bibliographic codes and the distinct identity of the book as a volume. This established system has shaped the history of text transmission, often overlooking how changes in organization and attribution influence creation and circulation. The article begins by synthesizing the relationship between bibliographic classification practices and the criteria for writing fiction, whether in the form of Belle-Lettres or what would eventually be recognized as literature. Next, it explores the impact of materiality on the symbolic status of texts, divided into two parts. The first part examines a significant transition that began in the mid-17th century: the shift from a system dominated by miscellanies and reader-organized compilations to a bibliographic framework centered on single-author volumes, establishing a clear connection between author, title, and work. In the second part, we analyze how, by the 19th century, literature — with the rise of the novel, the emergence of nationalisms, and the evolving figure of the author — manifests itself on the surface of books, influencing both the publishing market and in the world of collecting.

**Keywords:** text classification; literature and libraries; collecting; literary transmission; miscellanies; bookbinding.

Qual a relação que as práticas de organização dos textos, próprias das bibliotecas e do colecionismo, mantêm com os critérios de invenção da ficção? Até que ponto a organização bibliográfica define a relação potencial com os textos? De que forma a encadernação, objeto cujo campo semântico pode causar aqui algum embaraço, incide sobre o estatuto simbólico dos textos? Habitados com o sistema moderno de classificação bibliográfica — que se consolida entre os séculos XVII e XIX pela via da individualização do volume físico, então singularizado por um título e um nome de autor — nos esquecemos com frequência de que as transformações dos modos de atribuição, classificação e disposição dos textos em livros incidem sobre os próprios processos de criação e circulação dos discursos.

Essas transformações — que vamos aqui situar e analisar em dois tempos a partir de casos ingleses, franceses e brasileiros, cujas coleções foram mais bem exploradas — evidenciam a conexão entre a unidade material básica de composição física do livro, representada pela encadernação, os sistemas de organização dos textos e os estatutos simbólicos do literário. Primeiramente, e com a ajuda dos trabalhos de colegas que se debruçaram sobre dife-

rentes coleções, nos voltamos para uma transição fundamental, que, a partir de meados do séc. XVII, parte de um antigo sistema simbólico e material de construção do livro – no qual as miscelâneas, as compilações de textos diversos, organizadas pelos próprios leitores, ocupavam um lugar preponderante no campo dos textos de ficção, inclusive durante os primeiros tempos do livro impresso – para a gradual estabilização de uma forma de organização bibliográfica pautada no volume de autor único, na associação autor-título-volume, para nós hoje tão habitual. Em seguida, depois de discutir casos que assinalam os impactos dessa transição, e agora no séc. XIX, com o triunfo do romance e da figura de autor, a partir de casos extraídos de diferentes coleções, nos voltamos para a forma como a literatura, já consolidada como tal, ganha espaço e visibilidade na própria superfície dos livros, seja no mercado editorial seja no universo do colecionismo. Do livro como biblioteca portátil ao livro-vitrine, como representação do seu próprio conteúdo, nós veremos, a materialidade dos textos ocupa um papel central.

Com essa proposta, que parte da realidade material do livro como potência definidora da relação com o texto, e nos equilibrando nos limites entre a história dos textos, a bibliografia material e a história do livro e das bibliotecas, nos afastamos do risco de repetir os erros de uma história da encadernação que esteve por muito tempo comprometida com os aspectos unicamente decorativos e nobiliários das coleções, acabando por reduzir as relações que o objeto estabelece com os textos e com as práticas que os cercam. Da mesma forma, e apesar da amplitude do nosso espectro temporal, nos afastamos também do risco de reiterar os anacronismos próprios de uma história literária, de matriz nacionalista, idealista e universalizante (Hansen, 2022, p. 166), pouco consciente da historicidade dos sistemas simbólicos e materiais que forjam as relações com os textos.

## 1 Da biblioteca pessoal ao livro de autor

### 1.1 O que é uma encadernação?

Para que tudo isso faça sentido – e, talvez, também, para evitar o embaraço das gerações que nasceram com as telas ou ainda daqueles para quem o campo semântico, mais restrito, do termo remete imediatamente a um manual prático, com papel, fio, cola e couro à mão – vale a pena começar com uma primeira definição bibliológica do objeto.

De fato, do ponto de vista genealógico e bibliológico, o gesto fundacional da estrutura mecânica e material que caracteriza ainda hoje a forma do livro surge indubitavelmente sob o signo da dobra e da sobreposição. Precisamente, a simplicidade desse gesto milenar presente nos primeiros códices – que, veremos em breve, guarda relação direta com as práticas de realização de miscelâneas que ainda vamos analisar – deu lugar à encadernação e, com ela, a um dos elementos fundamentais da cultura escrita, a página.<sup>1</sup>

É com essa consciência que a encadernação adquire um *status* genealógico e tecnológico singular na longa história do livro, inaugurando um “sistema técnico” (Gille, 1978, p. 25)<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Para uma visão diversificada da dimensão do objeto: CHANG, Ku-ming (Kevin); GRAFTON, Anthony; MOST, Glenn W. *Impagination. Layout and Materiality of Writing and Publication Interdisciplinary Approaches from East and West*. Berlin: De Gruyter, 2021.

<sup>2</sup> “système technique”. Todas as traduções deste artigo foram feitas pela autora.

representado pelo estabelecimento do códice em oposição ao volume, forma da antiguidade egípcia e greco-romana ainda preponderante nos primeiros anos da era cristã.<sup>3</sup> A partir dessa transformação fundamental, o sistema técnico estabelecido pela encadernação, que ainda é o nosso, gerou um conjunto de elementos materiais, técnicos, plásticos e mecânicos, cujos modos de fabricação, funcionamento e uso variam no tempo e no espaço.

De fato, ao contrário das simples inovações técnicas isoladas, a noção de “sistema técnico” dá conta de um conjunto de técnicas que se organiza como uma estrutura lógica, na qual todos os elementos são interdependentes. Nesse caso, trata-se do sistema que fundamenta a forma do livro globalmente e que, a partir de três procedimentos básicos – a dobra, a costura e a capa – constitui as unidades codicológicas que definem os aspectos físicos dos suportes da palavra escrita desde os primeiros séculos da nossa era (Utsch, 2022b, p. 67-104): a página, o caderno (ou fascículo), o corpo da obra e, enfim, o códice, a forma que ainda é a nossa.

Enfim, não se trata de desenvolver toda a cronologia das modalidades técnicas da encadernação desde o aparecimento do códex, mas esse marco fundacional do objeto nos ajuda a dar forma às práticas que organizam a nossa discussão, reforçando a relação que a encadernação nutre com o próprio aparecimento do livro e com suas formas de produção e apropriação.

## 1.2 O livro como biblioteca pessoal

É preciso ter em mente que a brochura e a encadernação de editor, ou seja, o livro pré-encadernado, tão habitual hoje, só se dissemina, de fato, na Europa e nas Américas, com seus matizes nacionais, ao longo do séc. XIX, e tem seu uso sistematizado realmente no séc. XX. Antes disso, sem falar no sistema de produção do livro manuscrito, o livro impresso saía da oficina do impressor “em folhas” e a encadernação, com raras exceções, era tarefa atribuída ao leitor, ao proprietário do exemplar ou ao livreiro, que a repassava então a um encadernador. Para que houvesse livro era necessário que houvesse encadernação.

E não há nada de retórico nessa afirmação, que ganha ainda mais sentido quando nos perguntamos sobre como se dá no tempo a interação do texto com o próprio códice gerado pela encadernação. Para um leitor ou uma leitora da renascença inglesa ou italiana, ou para uma biblioteca colonial mexicana, por exemplo, além dos volumes de autoria ou título único, o livro era, com bastante frequência, o resultado de uma compilação, uma compilação pessoal, composta por uma coleção de textos, inclusive de diferentes autores, cujo limite material era determinado pela encadernação.

Armando Petrucci (1986) e Jeffrey Knight (2013), apoiando-se, respectivamente, em *corpus* medievais e dos primeiros tempos do livro impresso, conseguiram dimensionar a diversidade das características de composição dos volumes, especialmente para textos da literatura vernacular. De fato, a cultura impressa herdou das miscelâneas medievais a prática de compilar múltiplos textos e obras em um único volume e, de acordo com Petrucci (1986, p. 173-187), essa realidade, ainda no universo de produção do livro manuscrito, era predominante para quase todos os gêneros, exceto para os textos clássicos, códigos legais ou de autoridades da Igreja.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Um estudo clássico sobre o tema: GRAFTON, Anthony; WILLIAMS, Megan. *Christianity and the Transformation of the Book: Origen, Eusebius, and the Library of Caesarea*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 2006.

<sup>4</sup> Ver também: LEMER, Isaías. Las miscelâneas renacentistas y el mundo colonial americano. *Lexis*, v. 27, n. 1-2, p. 217-232, 2003. DOI: <https://doi.org/10.18800/lexis.20030102.011>.

Um exemplo da persistência dessas práticas no seio do mundo do livro impresso nos é dado por Jeffrey Knight (2013, p. 58-59), em um caso exemplar que traz o sumário manuscrito de uma miscelânea do séc. XVIII composta por peças publicadas entre 1573 e 1635, incluindo um exemplar da sexta edição, de 1635, em formato in-quarto, de *Péricles*, uma peça de Shakespeare que não entra na primeira grande publicação *in folio* das peças reunidas em 1623. Como nos informa Jeffrey Knight (2013, p. 58), o exemplar foi um dos inúmeros deixados à British Library por David Garrick, ator e dramaturgo, ao falecer em 1779. Apesar da miscelânea original ter sido desmontada no séc. XIX, como foi o destino de muitas, nós veremos, um sumário manuscrito, conservado no exemplar da British Library, nos indica exatamente os textos que compunham a compilação temática de Garrick: uma peça moral, *Conflict of Conscience* (1581); um interlúdio, *New Custome* (1573); a peça histórica de Shakespeare: *Edward the Third* (1599); uma tragédia de John Marston, *Antonio's Revenge* (1602); *Pericles*, de Shakespeare (1635); a primeira tragédia de *Corboduc* (1590); e a comédia *Albumazar* (1634) (Knight, 2013, p. 58).

O que os rastros dessas práticas nos mostram é que o proprietário poderia desempenhar um papel não só na aparência física dos livros – como quis por tanto tempo a história da encadernação focada na ornamentação – mas também na organização interna dos textos que compunham os volumes encadernados: um aspecto central da cultura letrada que mais tarde ficaria restrito ao mundo dos editores e das instituições de salvaguarda, sejam museus ou bibliotecas. Sem dúvida, se pensarmos na prática de modo mais pragmático, o aspecto econômico é também determinante, afinal as encadernações, que exigem trabalho especializado, poderiam ser muito mais caras do que os próprios textos impressos, impondo, claro, a depender da dimensão do volume, a reunião de várias obras em um volume encadernado.

De todo modo, a prática de reunir títulos diversos, de diferentes autores, justapostos e encadernados, em um mesmo volume – muitas vezes ao lado de textos manuscritos, complementos, gravuras, cópias de fragmentos, cartas, textos inacabados –, sem dúvida uma prática colecionista fixada na longa duração, deu origem a uma verdadeira cultura da compilação, que, por sua vez, incitou a formação de um código simbólico de leitura que se reflete, também, na própria criação literária e nos próprios gêneros editoriais inaugurados pelo impresso. Em um momento no qual a figura jurídica do autor não está consolidada, da mesma forma em que sua figura simbólica não obedece às normas de originalidade que serão fixadas a partir, sobretudo, do séc. XVIII, as relações entre o ato de compilar e escrever ganham, por vezes, o mesmo significado. De fato, “compilar”, compor livros, era uma atividade literária e, por exemplo, na renascença inglesa, o verbo “to compile” poderia querer dizer “to compose” uma obra literária (Knight, 2013, p. 8).

Esses volumes compilados não eram os artefatos textuais fixados que encontramos hoje nas prateleiras da maioria das bibliotecas patrimoniais. Tratava-se de objetos, personalizados, adaptáveis, inusitados, desenvolvidos pela atuação do leitor-colecionador e propensos, com isso, à intervenção e à mudança. Para os primeiros tempos da imprensa, as menções habituais a adições e atualizações dos textos presentes nas páginas de rostos são sem dúvida um índice dessa instabilidade textual. Mas, para além das indicações gráficas e editoriais, que expõem a variação textual como forma preponderante de circulação, para o caso da literatura renascentista em língua vernacular, essa cultura da compilação também se expressa fortemente na poética dos textos:

A maleabilidade dos livros – em um sentido figurado, mais do que físico – está no cerne do que os estudiosos da literatura identificaram como a natureza essencial-

mente imitativa da escrita renascentista: a apropriação e manipulação de modelos existentes, principalmente da antiguidade, e a afirmação dos papéis de autor por meio ou em oposição às suas fontes (Knight, 2013, p. 7).<sup>5</sup>

À cultura da compilação se sobrepõe a cultura da imitação, fenômeno que é minuciosamente estudado por Jeffrey Knight, a partir do caso dos sonetos de um músico elisabetano pouco conhecido, que deixa os rastros precisos da sua prática imitativa, espelhada no poeta Thomas Watson, em sua compilação composta por textos impressos e manuscritos (Knight, 2013, p. 87-116).

O que esses casos nos mostram é que a biblioteca portátil do compilador – sob a forma do volume composto por uma série de textos justapostos que ganham forma e realidade nos limites dados pela encadernação – é ao mesmo tempo produtora e produto de uma relação historicamente situada com os textos, uma maquinaria que participava, pois, dos critérios de invenção do escrito. Como tão certeira­mente analisou João Adolfo Hansen (2019, p. 38), ao pensar no livro a partir do ato de leitura, “o intervalo temporal entre o texto e o leitor também é um intervalo semântico e é nele que ocorrem as zonas de indeterminação da signifi­cação”. Quando, no interior da história literária (ou dos textos), esse intervalo temporal é marcado, materialmente, pela transformação radical das formas que deram a ver e a ler os textos do passado, essa zona de indeterminação parece abrir um abismo.

### 1.3 Uma nova ordem bibliográfica

É aqui, também, no interior desse abismo semântico, que começa a se conformar em meados do séc. XVII, sobretudo nos casos ingleses e franceses, mais bem estudados, é a materialidade dos textos, e mais especificamente a encadernação, que nos ajuda a traçar um mapa da transformação gradual da atitude do colecionismo, institucional ou privado. Após um recuo facultado por duzentos anos de livros impressos, que começam então a envelhecer e a criar redes inesperadas de circulação e valoração, os códigos de classificação dos livros se renovam e, com eles, novas formas de colecionismo, de bibliotecas e de relações com os textos também se desenvolvem.

Isso é o que nos mostra David McKitterick (2018, 2023), em seu trabalho de fôlego dedicado à invenção do livro raro, no qual discute, a partir de ampla documentação, exatamente a maneira como o interesse privado conformou a memória pública das coleções bibliográficas. E, de fato, a consolidação do campo da bibliofilia e de uma outra concepção de biblioteca, mais extensiva e marcada pela entrada das Belas Letras,<sup>6</sup> que começa a se fixar a partir de meados do séc. XVII, vai atuar diretamente na normatização dos critérios e dos

<sup>5</sup> “The malleability of books—figurative rather than physical—lies at the heart of what literary scholars have long identified as the essentially imitative nature of Renaissance writing: the appropriation and manipulation of existing models, primarily from antiquity, and the assertion of writerly roles through or against one’s source”.

<sup>6</sup> Fazemos, claro, referência à textualidade do campo ficcional produzida nas sociedades do antigo regime, antes da ascensão do regime simbólico consolidado sob a chancela da literatura a partir de meados do séc. XVIII e próprio das sociedades burguesas. Ver, por exemplo: HANSEN, João Adolfo. *Agudezas seiscentistas e outros ensaios*. São Paulo: Edusp: 2023 e CHARTIER, Roger. A ordem do discurso e a materialidade do texto. In: CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de; LACHAT, Marcelo; SILVARES, Lavinia (Org.). *Hidra Vocal: estudos sobre retórica e poética* (em homenagem a João Adolfo Hansen). São Paulo: Ateliê Editorial, 2020. p. 77-94.



valores, inclusive materiais, que alimentam ainda hoje a biblioteconomia. Isso, claro, junto à consolidação de um mercado do livro raro, que ganha densidade ao longo dos séculos XVIII e XIX, promovendo uma verdadeira revolução na estrutura física e nos aspectos exteriores do livro (McKitterick, 2023, p. 183).

Como não poderia deixar de ser, as transformações dos códigos de apropriação dos textos são marcadas pela multiplicação de discursos sobre a formação da biblioteca. Do célebre *Avis pour dresser une bibliothèque* (1627), do francês Gabriel Naudé, traduzido em seguida para o inglês por John Evelyn em 1661, aos inúmeros textos e tratados que se multiplicam entre os séculos XVII e XIX,<sup>7</sup> e que marcam profundamente a própria biblioteconomia, como campo do saber.<sup>8</sup> De fato, nos surpreende a maneira como Gabriel Naudé, já em 1627, oferece prescrições detalhadas sobre a atenção a ser devotada à encadernação, e com isso, ao aspecto geral da biblioteca, entrando no campo semântico dos modos de produção da encadernação e indicando, a favor de uma certa descrição contraostentatória, como os filetes ou florões, por exemplo, devem ser dispostos sobre as lombadas dos volumes (McKitterick, 2023, p. 167). Da mesma forma, do ponto de vista das encadernações, uma tal transformação impactou nas modalidades técnicas praticadas, que ganham os primeiros registros ocidentais – flamengos, alemães e franceses – dos modos de produção.<sup>9</sup>

Trata-se do momento de expansão das coleções nobiliárias humanistas, que, de uma concepção política e militar, se abre para as Belas Letras e para o modelo literário do julgamento crítico, do ideal de desenvoltura e da diversidade temática que caracteriza uma das concepções de fidalguia, tão bem estudada por Jean-Marc Chatelain (2003, p. 34). A consolidação de um novo sistema simbólico de valoração do livro atua diretamente nas transformações pelas quais passam as encadernações e, claro, nas relações que elas mantêm com os textos e com as Belas Letras, tema que passa a integrar, inclusive, os discursos sobre as coleções. Sem dúvida, as questões relativas ao aspecto exterior dos livros ganham também relevância, como é o caso das composições decorativas designadas à *Du Seuil*, sobriamente constituídas por moldura de filetes e florões de ângulo, que se fixam como o ideal material de sobriedade da biblioteca do colecionador seiscentista (Chatelain, 2003, p. 110).

Enfim, essa breve caracterização, dessa transformação da ordem dos livros, que já foi explorada por vários estudiosos já mencionados, com seus diferentes matizes culturais e nacionais, contextualiza a ruptura fundamental das relações mantidas entre a materialidade dos textos e a organização bibliográfica, exatamente no escopo da prática que aqui nos interessa. Se até os limites dessa reviravolta bibliográfica os textos de ficção circulavam preponderantemente sob a forma das bibliotecas pessoais portáteis, em miscelâneas e compilações, com seus espaços restritos de circulação, a partir de meados do séc. XVII as

<sup>7</sup> A título de exemplo: SAINT-CHARLES, Louis Jacob de. *Traicté des plus belles bibliothèques publiques e particulières*. Paris: Rolet Le Duc, 1644; LE GALLOIS, Pierre. *Traitté des plus belles bibliothèques de l'Europe*. Paris: Estienne Michallet, 1680; BRUNET, Jacques-Charles. *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*. Paris: Brunet Libraire, 1810.

<sup>8</sup> Para uma reflexão realizada por pesquisadores brasileiros, remetemos o leitor: ARAÚJO, Diná Marques Pereira; REIS, Alcenir Soares dos; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. *Bibliofilia, bibliografias e a construção do sistema axiológico da raridade*. *Informação & Informação*, Londrina, v. 23, n. 2, p. 38-57, maio/ago. 2018. DOI: 10.5433/1981-8920.2018v23n2p38.

<sup>9</sup> Ver: FAUST, Anshelmus [encadernador]. *Beschrijvinghe ende onderwijsinghe ter discreter ende vermaerder consten des boeckbinders handwerck* / *Prescription et enseignement de la discrète et fameuse science de la manufacture des relieurs de livres*. Antuérpia: [s. n.], 1612; ZEIDLER, Johann Gottfried. *Buchbinder-Philosophie* [...]. Halle: Rengersche Buchhandlung, 1708; RELIEURE, ou art de relier les livres. In: DIDEROT; D'ALEMBERT. *Encyclopédie*. Genève: Jean-Léonard Pellet, 1765. v. XIV.

grandes coleções se abrem para as Belas Letras, com uma afirmação inédita do estatuto simbólico-textual da ficção.

Extrapolaria muito nossos limites tentar indicar e discutir aqui o quadro cultural que caracteriza as intensas transformações das relações que a materialidade dos textos mantém com as bibliotecas. Mas, para garantir as condições de inteligibilidade do nosso argumento principal, constituído em torno das relações entre colecionismo, encadernação e literatura, não seria possível deixar de mencionar a maneira como essas rupturas são tocadas, também, pela expansão da produção editorial a partir da segunda metade do séc. XVII (Kirsop, 1990, p. 15; Blair, 2020, p. 169), pela estabilização de conjuntos bibliográficos canônicos apoiados no ideal de diversidade (Chatelain, 2003, p. 28) e pelo longo processo de consolidação, jurídica e simbólica, da figura do autor (Alves, 2021, p. 191), que gradualmente conquista uma posição individualizada, única, fixada exemplarmente sob a lombada do livro.

## 1.4 Livros desmembrados

Do ponto de vista da materialidade dos textos, os efeitos mais sensíveis de uma tal transformação se fazem sentir com a destruição em larga escala dos aspectos físicos que encanavam a ordem simbólica dos textos sob a forma das bibliotecas pessoais portáteis, destruição marcada pelas grandes campanhas de reencadernação, que assolaram as instituições, sobretudo entre os séculos XVIII e XIX, em um momento que coincide, inclusive, com a criação de ateliês de encadernação no seio de bibliotecas, públicas e privadas.

De fato, em meio à monumentalização e à nacionalização do literário, se a totalidade ou parte de uma compilação antiga fosse considerada de valor excepcional, muito provavelmente o volume seria separado nas suas unidades constituintes para compor uma nova unidade codicológica promovida por uma reencadernação individual, na qual um volume passa a coincidir com um título e um nome de autor, eliminando os vestígios de propriedade anterior.

Outro caso analisado pelo Jeffrey Knight (2013, p. 22) ilustra exemplarmente essa situação a partir de um catálogo minucioso feito por um bibliotecário do séc. XVIII, William Pugh. O estudo nos mostra como uma parte da biblioteca de Cambridge – a Real Biblioteca proveniente da coleção do Bispo John Moore, constituída a partir de bibliotecas privadas de livreiros ingleses desde o século XVI, e doada através de George I em 1715 – era, no momento de estabelecimento do catálogo, composta por itens que parecem hoje desafiar as categorias bibliográficas e os limites textuais: vários livros encadernados em um volume, textos impressos junto a manuscritos, obras incompletas e complementadas pelos próprios leitores, autores diversos em um mesmo volume, literatura de prestígio com impressos efêmeros. O catálogo do séc. XVIII, hoje único testemunho da realidade material da coleção, fazia parte de um esforço para processar esses livros à medida que eles passaram da propriedade individual para a propriedade institucional, ainda antes de terem suas aparências totalmente alteradas, o que coincide com o momento de institucionalização das coleções.

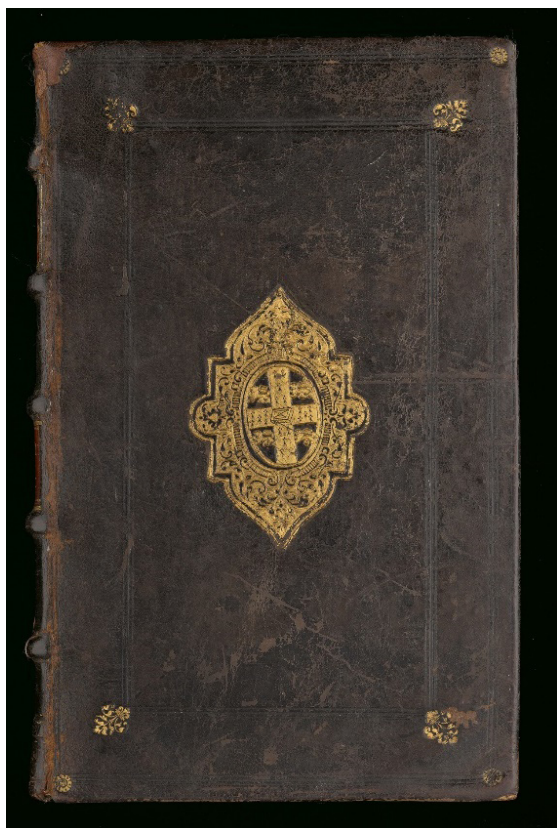
Essa descrição minuciosa dos volumes, hoje individualizados, permitiu comparar os títulos com os livros que passaram a constituir depois do desmembramento das miscelâneas, agora sob classificação diferente da Biblioteca da Universidade de Cambridge, e, como nos mostra Jeffrey Knight (2013, p. 25), o que o bibliotecário viu na década de 1790 não é o que se vê hoje: livros limpos e encadernados, separadamente, de forma elegante, em volumes que encerram o nome de um autor.



Contraditoriamente, nesse contexto de consolidação das coleções bibliográficas sob a régua da monumentalização de determinados conjuntos canônicos, são as bibliotecas mais precárias, sem serviço de encadernação e conservação, e as coleções menos ilustres que escaparam da classificação material dos bibliotecários e das mãos dos encadernadores, permitindo ainda acesso a algum material que testemunha a materialidade deixada pelas antigas práticas de leitura e colecionismo.

Uma pesquisa rápida nos acervos da Biblioteca de Cambridge é suficiente para nos oferecer uma imagem do contraste da visualidade das coleções encadernadas ao longo do séc. XVI e XVIII e sua parcial transformação a partir das campanhas de reencadernação dos séculos XIX e XX. De fato, a excepcionalidade de um exemplar, os valores bibliofílicos e nacionalistas a eles atribuídos, em uma palavra, seu índice de raridade, poderia acabar contribuindo, contraditoriamente, para o apagamento dos rastros de práticas de leitura e colecionismo do passado.

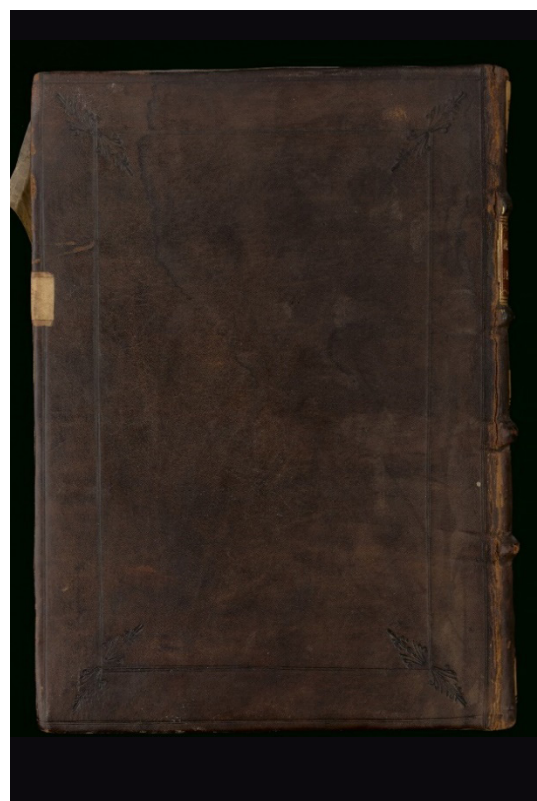
Fig. 1 – Aristotelis summi semper uiri, 1536



Fonte: A binding [...], c2024.

Nota: A título de exemplo, uma amostra da visualidade dos exemplares que compunham as coleções da Biblioteca de Cambridge ainda durante o séc. XVI. Encadernação com as armas da Universidade de Cambridge, de 1580 (de acordo com a indicação da ficha bibliográfica de David Pearson).<sup>10</sup> Pasta superior | 34 cm, fôlio.

Fig. 2 – Judah ben Joseph Moscato, *Sefer Nefutsot Yehudah*, 1589

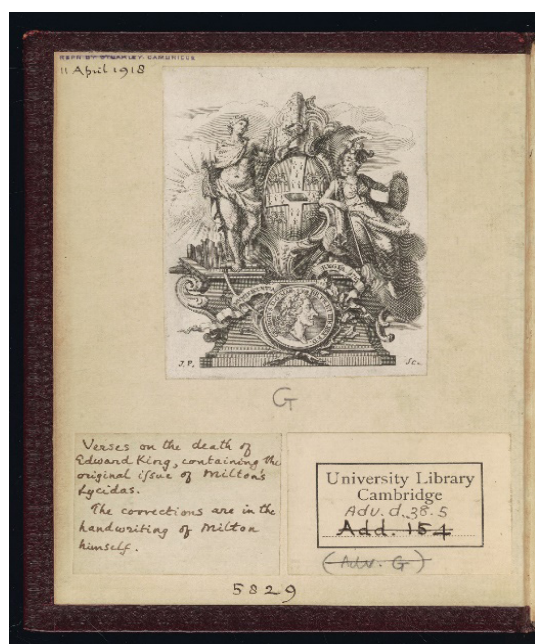


Fonte: A simple [...], c2024.

Nota: Da mesma forma, ressalta-se a sobriedade da encadernação executada no séc. XVII. Encadernação de John Houlden, encadernador que trabalhou assiduamente para a instituição nas últimas décadas do séc. XVII (indicação na ficha bibliográfica de David Pearson). Pasta superior | 21 cm, in-4º.

<sup>10</sup> Ver também: PEARSON, David. *Provenance Research in Book History: A Handbook*. The British Library Studies in the History of the Book. Londres: British Library Publishing, 1998.

Fig. 3 – *Justa Edouardo King naufrago*, 1638



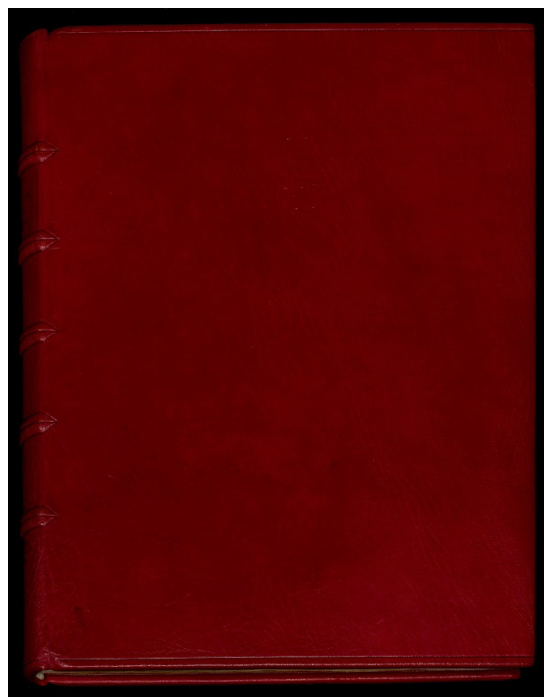
Fonte: Milton's [...], c2024.

Nota: Exemplo de obra célebre que ganha nova encadernação no séc. XX.

O último poema do volume, assinado “JM”, é “Lycidas”, de John Milton, uma das elegias mais célebres da língua inglesa.

Neste caso, a encadernação realizada no início do séc. XX, manteve a coletânea temática em homenagem à memória de Edward King, um membro do Christ's College, além de treze poemas em grego, latim e inglês. Ex-líbris George I. Contra-pasta superior, 22 cm | in-4º.

Fig. 4 – William Caxton, *Mirror of the World*, 1481



Fonte: Hier [...], c2024.

Nota: Exemplo de obra célebre que ganha nova encadernação no séc. XX.

Incunábulo da Royal Library (coleção do Bispo John Moore, doada à Biblioteca da Universidade de Cambridge em 1715 por George I | Primeiro livro inglês impresso ilustrado).

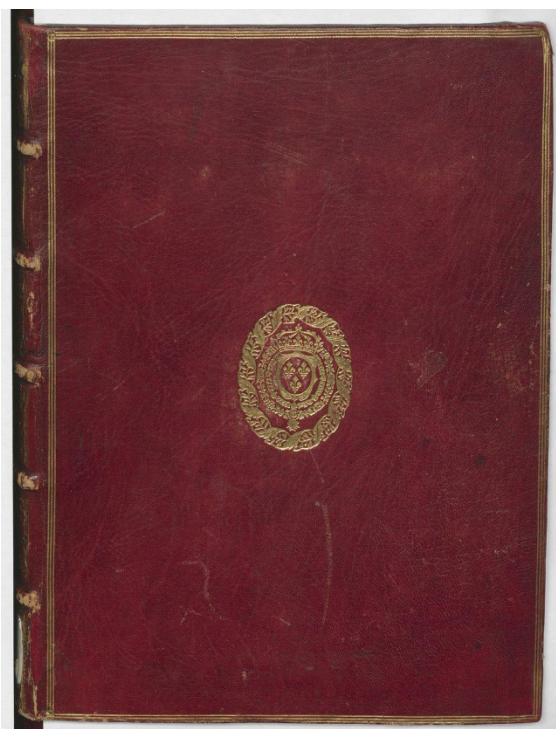
Agora em uma encadernação em pleno marroquim vermelho realizada no séc. XX (exatamente a coleção estudada por Jeffrey Knight). Pasta superior, 29,5 cm | Fólio.

## 1.5 A cultura da substituição

Mas, para além do problema específico das coletâneas, que é, claro, um ponto em meio à complexidade dessa transição material-bibliográfica, uma verdadeira cultura de renovação da materialidade dos acervos, com a prática da reencadernação, acompanha também o ritmo das transferências de propriedade, de programas político-culturais e da própria institucionalização das bibliotecas.

No caso da Biblioteca Nacional da França, o modelo da encadernação em marroquim vermelho com as armas da França, derivado das grandes campanhas de renovação das coleções realizadas sob a chancela de Colbert, ministro de Luís XIV, ainda no séc. XVII, a favor da glória do monarca, acaba por se impor e garantir vida longa. Ao ponto de, mesmo sem as armas, já no contexto republicano, ter continuado a impor o modelo da encadernação em boa parte das coleções, ainda ao longo do séc. XX (Utsch, 2012, p. 6).

Fig. 5 – *Le Livre de la chasse*, de Gaston Phébus, 1507



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fonte: Bibliothèque nationale de France. Fotografia da autora.

Nota: Modelo padrão de encadernação vermelha em marroquim, com as armas da França, colocado em prática durante a grande campanha de reencadernação que teve lugar ao longo do séc. XVII, realizada aos milhares. Pasta superior | 29 cm | fôlio.

Agora, mais perto de nós, o exemplo das primeiras encadernações realizadas na nossa Biblioteca Nacional, então Biblioteca Imperial e Pública, ainda na primeira metade do séc. XIX, nos mostra o alcance da prática. De fato, marcada pelas transformações institucionais que deram lugar ao novo regimento da Biblioteca, em 13 de setembro de 1824,<sup>11</sup> o bibliotecário responsável pelo acervo, Frei Arrábida, instala um ateliê de encadernação e contrata um livreiro-encadernador, Silvino José de Almeida, para desenvolver a tarefa.

<sup>11</sup> Ver: BRASIL. Decisão nº 191, de 13 de setembro de 1824. Aprova o Regimento Interno para a Biblioteca Imperial e Pública desta Corte. *Coleção das decisões do Governo do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886. p. 135.



Fig. 6—Primeiro fôlio da *Relação das obras que o livreiro Silvino tem encadernado na Biblioteca Imperial e Pública* – Primeiro a ocupar oficialmente o cargo de livreiro-encadernador na então Biblioteca Imperial e Pública. fl.1 | 27,5 x 20 cm



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional. Fotografia da autora.

Fig. 7 – *Bíblia Sacra*, 1549, [Relação das obras, fl.2.r]. Encadernação realizada provavelmente pelo encadernador Silvino José de Almeida. Pasta superior, 21 cm | in-4º



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional. Fotografia da autora.

A lista de livros encadernados por Silvino entre 1823 e 1829 arrola um volume de aproximadamente mil títulos. O documento nos permite hoje tentar confrontar uma amostragem de títulos indicados na lista, que apresenta indicação de título e data, com os exemplares localizados em diferentes acervos. Até o momento, a partir de *corpus* de cinquenta exemplares, foi possível identificar um modelo de produção mais frequente que, pelas características materiais, nos deixa supor que se trata de uma encadernação de Silvino, que é primo do célebre editor Paula Brito, para quem vende sua loja de livros, que será por sua vez a semente das atividades do editor.

Agora, uma análise mais detalhada desse conjunto de livros encadernados, que seja capaz de investigar as relações entre materialidade e textualidade – inclusive do ponto de vista da nacionalização dos acervos e da monumentalização dos textos – só será possível com esforço coletivo institucional e investigativo, no sentido de reunir todos os volumes ainda localizáveis em uma coleção habilitada a situar cada um dos exemplares dentro da biblioteca. De outra forma, essas encadernações, dispersas pelos acervos, continuarão captadas pelo ciclo interminável de substituição da realidade material dos textos, que continua, de outras maneiras, a assombrar os acervos patrimoniais.

Agora, claro, é preciso historicizar os dispositivos de atribuição de valor patrimonial. Evidentemente, não se trata de, agora, reprovar simplesmente as ações dos colecionadores, bibliotecários e encadernadores do passado, mas de não perder de vista a realidade histórica

e material que orientou boa parte do consumo dos textos do passado, e, por outro lado, de um ponto de vista mais pragmático, evitar as substituições sistemáticas ainda hoje presentes em determinados contextos institucionais ou privados, já tão denunciadas por especialistas do mundo da encadernação e da conservação como Szirmai (1999), Nicholas Pickwoad (2016) e Julia Miller (2010).

Com uma revolução tecnológica em curso, o universo patrimonial dos arquivos e bibliotecas está fortemente marcado pelos processos de plataformação dos documentos gráficos, processos que podem precarizar ainda mais as condições de existência de coleções, histórica e institucionalmente, vulneráveis. Sem dúvida, uma consciência mais aguda dos processos patrimoniais e dos riscos de apagamento de práticas do passado, no momento de alterações materiais dos textos em larga escala – como foi o caso do desmembramento de miscelâneas ao longo dos séculos XVIII e XIX ou como é o caso, agora, da passagem das páginas para a tela e, com isso, da transformação dos usos – parece ser, cada vez mais, uma tarefa que integra o escopo dos estudos literários e editoriais.

Enfim, essa primeira caracterização, com alguns exemplos que ajudam a circunstanciar essa transição, e as diferentes formas de colecionar textos, nos ajuda sem dúvida a dimensionar o impacto da materialidade no seio dos processos de transmissão dos textos, mostrando que, neste caso, a encadernação participa da ordem simbólica que estrutura os textos, a leitura, os livros e suas formas de salvaguarda.

## 2 Do livro de colecionador ao livro de editor

### 2.1 A diversificação das formas

Se, até aqui, seja sob a forma da biblioteca portátil seja sob a forma do volume individualizado, a construção do livro estava situada no campo da apropriação, domínio de leitores, colecionadores e bibliotecas, obedecendo às normas colocadas pela produção artesanal do volume encadernado, a partir de meados do século XIX, a fabricação da encadernação (Utsch, 2022b, p. 105-127) – marcada por um aumento sem precedentes da produção editorial que passa a ser movida pelo ritmo da máquina a vapor – passa a se situar, em grande medida, no campo da produção do livro, tornando-se pouco a pouco domínio quase exclusivo de livreiros e, sobretudo, de editores. Trata-se da chegada da encadernação de editor, designada por alguns (erroneamente) encadernação industrial, mas que, independentemente dos métodos de fabricação (artesanal ou mecanizado), marca sua grande transformação no sistema simbólico e material de circulação dos livros ao se integrar plenamente às práticas editoriais e literárias, em escala global.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Mencionamos, a título de exemplo, trabalhos focados nos seguintes países: na Inglaterra (Potter, 1999), na Alemanha (Petersen, 1994), na Suécia (Lundblad, 2015), na França (Malavielle, 1985), no México (Romero, 2020), no Brasil (Utsch, 2024), em Portugal (Marques, 2006), nos Estados Unidos (Morris, 2000), na Colômbia (Mayor, 2013). Ver: POTTER, Esther. The Development of Publishers Bookbinding in the Nineteenth Century. *Journal of the Printing Historical Society*, n. 28, p. 71-93, 1999; PETERSEN, Dag-Ernst (Dir.). *Gebunden in der Dampfdruckbinderei. Buchbinden im Wandel des 19. Jahrhunderts*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 1994; LUNDBLAD, Kristina. *Bound to be Modern: Publishers' Cloth Bindings and the Material Culture of the Book, 1840-1914*. New Castle, DE: Oak Knoll Press, 2015; MALAVIELLE, Sophie. *Reliures et Cartonnages d'éditeur en France au XIXe siècle (1815-1865)*. Paris: Éditions Promodis, 1985; ROMERO, Martha. Fuentes para el estudio de la encuadernación en México.



E de fato, é no séc. XIX que nós assistimos a uma inversão da dinâmica estabelecida entre o objeto impresso, propriamente dito, e suas formas tridimensionais; entre as práticas que possibilitam a sua fabricação e o mercado do livro. Se, por um lado, o longo período do antigo regime tipográfico deixou espaço importante para as variações de tiragem, concedendo em troca um uso mais padronizado à encadernação comercial, de livraria, com a monotonia de suas bazanas e vitelas de cor marrom, no novo sistema técnico consolidado pelas grandes transformações dos processos gráficos, a encadernação diversifica suas formas e se torna um objeto efetivamente editorial, se movendo no interior de um amplo espectro de apropriação, entre um ideal de luxo próprio da cultura da distinção inaugurada pelo colecionismo e a simplicidade das séries destinadas a um público mais amplo, em um movimento de extrema diversificação.

Diante do catálogo de um editor do séc. XIX, não é somente a diversidade de títulos que salta aos olhos, mas a multiplicação das formas que dão a ver e a ler um “mesmo” texto, que poderia apresentar inúmeras possibilidades de materialização, a depender dos revestimentos oferecidos (couro, percalina, papel), das modalidades de acabamento (cortes vermelhos ou dourados), das técnicas utilizadas (com ou sem cordões de sustentação), do caráter da decoração (pranchas especiais ou ferros) (Utsch, 2020, p. 162).

Se o formato do livro assumiu, no antigo regime tipográfico, um lugar central na hierarquização das formas de difusão dos textos (Chartier, 2022, p. 10), no século XIX – seja do ponto de vista da transformação dos sistemas técnicos seja do ponto de vista das transformações dos estatutos simbólicos atribuídos aos textos e às novas formas de apropriação – a encadernação passa a ser um elemento efetivamente considerado pelas práticas de difusão do impresso, como atestam a diversificação dos objetos, os catálogos de editores e os anúncios de livreiros e encadernadores veiculados em periódicos.

## 2.2 Uma nova modalidade técnico-decorativa para o mundo editorial

No contexto das transformações técnicas dos modos de impressão e aumento sem precedentes das tiragens, o século XIX traz mais uma grande inovação para a estrutura da encadernação, da qual a produção editorial dos séculos XX e XXI é diretamente herdeira. A modalidade é designada com frequência como encadernação de editor, em uma referência direta à maneira como foi apropriada pelo mundo editorial.<sup>13</sup>

Não se trata de descrever aqui a cronologia dos processos de produção, mas de assinalar que as alterações técnicas operadas nos modos de produção, que rompem com um ciclo de pelo menos dez séculos de produção do livro, em um mundo no qual a brochura fazia apenas sua aparição, possibilitaram a plena realização do livro-pronto para consumo, artefato até então inédito no mundo da livraria. Trata-se do momento que marca a ascensão do padrão moderno da aparência do livro, que ainda hoje é o nosso, constituído em

---

*Boletín de la Biblioteca Nacional de México*, Ciudad de México, n. 7, p. 54-68, 2020; MARQUES, Ana Luisa. Estudos portugueses sobre as artes do livro. *Arte teoria*, Lisboa, n. 8, p. 265-277, 2006; MORRIS, Ellen K. *The Art of Publishers' Bookbindings, 1815-1915*. Los Angeles: W. Dailey Rare Books, 2000; MAYOR, Alberto et al. *Las escuelas de artes y oficios en Colombia (1860-1960)*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2013. v. 1.

<sup>13</sup> No mundo da produção gráfica brasileira a modalidade é mais comumente designada como capa solta, em uma referência à subtração de um dos elementos fundamentais de estrutura mecânica do livro: o empaste, a fixação das pastas ao suporte da costura.

torno da brochura e da encadernação de capa dura, do livro pré-fabricado, que chega nas mãos do leitor pronto para uso.

Agora, o livro pré-fabricado não é sinônimo imediato de standardização. Ao contrário do que se espera, o mundo da edição pré-industrial não reduz as modalidades visuais e técnicas praticadas no campo da encadernação tradicional. O que se vê é um aumento sem precedentes dos estilos, materiais, técnicas e usos destinados a esses objetos. Do exemplar mais *flamboyant* ao mais sóbrio.

Essa diversificação foi, em grande medida, impulsionada pelas transformações, mais uma vez, técnicas operadas no campo da ilustração e da decoração, que colocaram em prática o uso de pranchas capazes de estampar o centro e a lombada do livro em um único golpe de prensa. A máquina de dourar incentiva a sonhada popularização do uso do ouro, que deixa de ser um privilégio da bibliofilia e das grandes bibliotecas aristocráticas e passa a circular em contextos variados e transnacionais. Esse florescimento da encadernação no seio da indústria editorial tende, gradualmente, a substituir as sóbrias encadernações de livraria, simplesmente cobertas com carneiro ou vitela e a diversificar as modalidades de decoração, de forma inédita, seja na Europa seja nas Américas.

Mas, para além da multiplicação das formas que dão a ver e a ler os textos, que não deixa de ser, também, uma expressão do aumento singular da produção editorial-literária, de que maneira essas mutações radicais da materialidade dos textos interagiram com a literatura?

## 2.3 A literatura na superfície

Sem dúvida, mais impactante do que as transformações técnicas mencionadas, que se escondem sob a forma acabada do livro, foi a chegada de um elemento que vai romper com séculos de construção da gramática decorativa da encadernação: a figura humana com a representação de cenas e personagens estampadas sobre as pastas e lombadas das encadernações.<sup>14</sup>

Trata-se de personalizar a decoração com elementos dos próprios textos, muitas vezes gerando uma representação figurativa da narrativa, dispondo as personagens e os lugares caracterizados no espaço textual nas pastas e lombadas das encadernações, em uma síntese icônica do texto. É preciso ter em mente que as composições até então seguiam os modelos apresentados pelas artes decorativas, que lançavam mão de uma infinidade de elementos geométricos e fitomórficos, individualizando, em alguns casos, os exemplares apenas com as marcas de propriedade constituídas sob a forma de brasões, armas, emblemas e *super libris* (Utsch, 2020, p. 117). Aqui também, na relação estabelecida entre materialidade e textualidade, a encadernação sai do domínio da apropriação para se afirmar inteiramente no domínio da produção editorial e literária.

Ao criar novos espaços de visibilidade e legibilidade, a encadernação oferece um dos exemplos mais manifestos do novo arranjo das formas que rege o uso da imagem no mundo editorial. A decoração exterior dos livros integra, sob diversos aspectos, os novos princípios de teatralização da vida social em uma sociedade que inaugura “uma verdadeira pulsão pela imagem [...], em direção a um mundo considerado como um manancial inesgotável de ima-

---

<sup>14</sup> Mas não significa, claro, que a bibliofilia se resignou ao cardápio da indústria, nem ao da chamada “literatura industrial” (“littérature industrielle”) – expressão de Lamartine – nem ao da materialidade dos textos (Utsch, 2020, p. 132-136).

gens e quadros para o olhar” (Hamon, 2001, p. 9).<sup>15</sup> As metáforas são numerosas: toalete dos livros, caixa de joias, quadros, cenas, pórticos, fachadas, galerias, passagens, museus, edifícios, catedrais ou cidades inteiras. Primeiro paratexto do livro, devido à sua capacidade de expor, a encadernação de editor integra admiravelmente as práticas literárias, artísticas, historiográficas, arquitetônicas e editoriais que inventam e veiculam a “encenação da vida cotidiana e de seus rituais nos quais o social se expõe” (Hamon, 1989, p. 10).<sup>16</sup> Certamente, essa captação do social pelo mundo da edição e da encadernação (no nível dos novos espaços de produção e difusão, das competências técnicas e estéticas, até mesmo campos simbólicos inteiros) pode ser estudada sob o ponto de vista das estratégias comerciais, que animam a livraria francesa no século XIX, mas há certamente ali muito mais do que simples arranjos de mercado. Como definiu Philippe Hamon sobre as relações entre a arquitetura e a literatura: “As relações são mais ‘profundas’, de campo simbólico a campo simbólico, de competência semiótica a competência semiótica, de projeto estético a projeto estético” (Hamon, 1989, p. 10).<sup>17</sup>

Mas vejamos um caso emblemático, caracterizado por um editor, um catálogo, uma obra literária, uma encadernação, uma decoração, uma imagem, uma descrição: após sua primeira publicação importante, *Scènes de la vie publique et privée des animaux* (1842), obra ilustrada por Grandville que reúne os nomes de Balzac, Paul e Alfred de Musset, Nodier, Louis Viardot e Jules Janin para a elaboração de um quadro satírico da sociedade francesa, Jules Hetzel, sob o pseudônimo de P.-J. Stahl, inicia uma segunda publicação de fôlego em colaboração com Tony Johannot e Alfred Musset, *Voyage où il vous plaira* (1843). Esta viagem fantasista (que é também, sem dúvida, uma metáfora da leitura como viagem), hoje obra-prima da literatura romântica ilustrada, na qual colaboraram um desenhista, um poeta e um editor, mostra o quanto a imagem podia prevalecer sobre a escrita no século XIX. Além disso, essa aliança é ao mesmo tempo anunciada e celebrada na capa impressa e ilustrada da edição, onde se expressa o gesto que mescla as duas práticas, artística e literária: “Livro escrito com pluma e lápis” (1843).<sup>18</sup>

Em seu catálogo de novidades de 1843, Hetzel dedica uma página inteira ao anúncio da obra. Ao multiplicar a variedade das coberturas e exaltar a qualidade da ilustração, ele oferece oito opções ao comprador, oito estados materiais da edição:

- Brochura 12 fr.
- Cartonagem 14 fr.
- Encadernação tradicional em tecido com placas especiais e cortes jaspeados, 18 fr.
- Mesma encadernação com corte dourado, 20 fr.
- Encadernação em couro (chagrin), com placas especiais e cortes dourados de 25 fr.
- Encadernação chamalote, com placas especiais, com caixa, 30 fr.
- Meia-encadernação, com placas especiais, corte refilado, 17 fr.
- Mesma encadernação, corte dourado, 18 fr. (Hetzel, 1843, p. 3).<sup>19</sup>

<sup>15</sup> “une véritable pulsion vers l’image [...], vers un monde considéré comme un inépuisable réservoir d’images et de tableaux pour l’oeil”.

<sup>16</sup> “mise en scène de la vie quotidienne et de ses rituels dans lesquels s’expose le social”.

<sup>17</sup> “Les relations sont plus ‘profondes’, de champ symbolique à champ symbolique, de compétence sémiotique à compétence sémiotique, de projet esthétique à projet esthétique.”

<sup>18</sup> “Livre écrit à la plume et au crayon”.

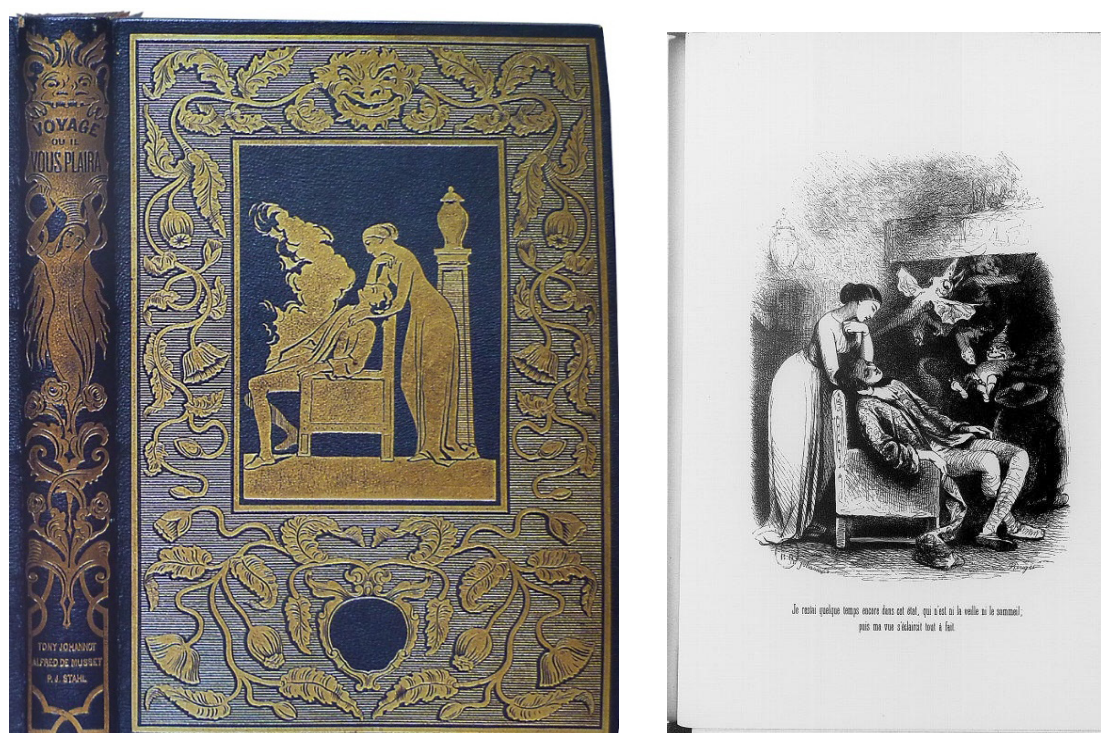
<sup>19</sup> “Broché 12fr

Cartonné 14fr

Entre os numerosos usos da imagem relacionados tanto ao livro quanto à literatura no século XIX, a encadernação figurativa – mais imediatamente perceptível do que o frontispício ou a página de título com vinheta – inaugura, em um superlativo metafórico, um novo espaço de exposição da narrativa, que é então condensado em “imagem falante”.

Como nos mostram estudos monográficos realizados a partir de diferentes coleções,<sup>20</sup> trata-se, de fato, de um fenômeno transnacional, sem dúvida marcado pelo triunfo do romance, como gênero literário, e pela expansão do livro ilustrado, agora difundido pelo programa editorial romântico, que também é constituído no Brasil e outros países latino-americanos como um modelo fundamental para a encadernação de editor, seja ornamentada de acordo com os estilos decorativos vigentes seja realizada a partir dos modelos figurativos.<sup>21</sup>

Figs. 8 e 9 – *Voyage où il vous plaira*, 1843. Edição ilustrada com 63 pranchas *hors-texte*, além de numerosas vinhetas no corpo do texto, desenhos de Tony Johannot



Fonte: Bibliothèque nationale de France. Fotografia da autora.

Nota: Lombada e pasta superior da encadernação ao lado da gravura em plena página utilizada para a realização da placa especial. 26,5 x 19,5 cm | in-8º.

Reliure toile anglaise, fers spéciaux, tranches jaspées, 18fr

Même reliure, tranches dorée, 20fr

Reliure chagrin, fers spéciaux, tranches dorées 25fr

Reliure moire, fers spéciaux, étui, 30fr

Demi-reliure, fers spéciaux, tranches ébarbées 17fr

Même reliure, tranches dorées 18fr”.

<sup>20</sup> Ver a nota 11.

<sup>21</sup> Na América Latina, pesquisas recentes em coleções de diferentes bibliotecas públicas brasileiras, colombianas, mexicanas e chilenas nos levam a pensar que, embora as encadernações de editor tenham ganhado forma e circulado através de diferentes modalidades técnicas e materiais, as decorações figurativas, em relação direta com o texto, não compõem a parte mais expressiva do *corpus* (Utsch, 2024).



## 2.4 Da democracia das letras à igualdade das formas

Mas, para além do paralelismo semântico caracterizado na decoração exterior dos livros, a relação entre materialidade e textualidade espelha também, exemplarmente, a ruptura da ordem simbólica dos textos que se perfaz ao longo do séc. XIX. De fato, a grande transformação do regime de invenção da ficção, que estabelece os novos termos da arte de escrever, sob a chancela do romance e da literatura, dá conta, por si só, da dimensão das relações que se tecem entre a ordem dos discursos e a ordem dos livros.

Trata-se de uma virada simbólica coerente com a ascensão social e literária das Belas Letras, e mais especificamente do romance, como gênero triunfante, que, até então, do ponto de vista da hierarquia textual vigente, estava situado em posição inferiorizada, ao lado das histórias e das narrativas de costume (Lyon-Caen, 2006 p. 17). A nova arte de escrever subverte a longa tradição do sistema de classificação de gêneros textuais, dentro do qual os discursos e as personagens se adequavam aos temas que definiam hierarquicamente o texto como um gênero ficcional (Rancière, 1998, p. 29): para exaltar os grandes espíritos, a epopeia e a tragédia; para rebaixar os vícios e os medíocres, a sátira e a comédia.

Igualmente, a multiplicação de formas colocadas em circulação pelo mundo editorial parece se nutrir da mesma ruptura. No interior dessa reversão da ordem dos livros, a democracia romanesca não teria se disseminado com tanta força sem que o mundo editorial tivesse traduzido materialmente, nas formas dos livros, o princípio de igualdade da representação (Utsch, 2022a, p. 126).

Rompendo com as antigas normas que regiam a economia simbólica da aparência do livro – com a chegada de novos dispositivos técnicos e estéticos – a atividade editorial questiona a validade dos elementos materiais que hierarquizavam os objetos da cultura escrita de acordo com um sistema que também obedecia a regras de decoro. Para as obras completas, um aristocrático in-fólio que concretiza sua *performance* portando uma encadernação vermelha gravada com ouro; para os cordéis ou folhetos vendidos por ambulantes, as brochuras em papel que marcaram a história da edição popular no antigo regime de produção do livro impresso.

A esta distinção exemplar, fiel às convenções do antigo sistema de representação, cujas posições sociais são claramente projetadas nas formas dos livros, se opõe o ideal do “luxo para todos”, encarnado no interior da democracia romanesca e veiculado pelo programa editorial romântico, tão bem ilustrado no caso de Hetzel. Esse reposicionamento do mundo editorial se dá através da realização de objetos gráficos aparentemente luxuosos – marcados pela presença de ilustrações, encadernações e ornamentos – destinados aos mais distintos gêneros textuais. Agora, toda a infinidade de pequenos formatos que abarrotaram o mercado editorial – das narrativas de costumes aos romances contemporâneos, dos pequenos tratados técnicos às edições dos clássicos da literatura universal – estão aptos a circular com as vestes de couro, cetim e ouro.

Simultaneamente, essa certa “promiscuidade” livresca caracterizada pela abertura sem precedentes dos espaços de difusão da palavra escrita, ao depor as antigas regras de representação do livro, produz também uma desconfiança matizada pela longa história da crítica moral da ficção<sup>22</sup> e torna-se alvo da crítica que tenta a todo custo se afastar da dimensão social e, em certa medida popular, do literário e de suas representações materiais, agora oferecida ao vasto público. De um lado, a tradição colecionista, sustentada pelo ideal de dis-

<sup>22</sup> Da vasta bibliografia que aborda a temática, mencionamos: LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário & a afirmação do romance: Dom Quixote, As relações perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



tinção e raridade (livresco e social), cumprindo seu papel normativo, tenta expor ao ridículo essa tentativa de equilíbrio que dessacraliza e democratiza os usos do impresso.<sup>23</sup> De outro lado, escritores e leitores que se opunham ao ideal de distinção social próprio do colecionismo da época, em uma postura que reivindicava uma aproximação desinteressada do texto literário, viam nessa imitação fetichista do luxo editorial um mero artifício vulgar da sensibilidade romanesca, o “artifício que permite ao sonho impor-se à indústria” (Benjamin, 1986, p. 190).<sup>24</sup> A ideia de imanência do texto literário, universal e universalizante, afastado da sua realidade material e de seus modos de apropriação, presente nessa dupla negativa, ainda no séc. XIX, talvez nos ofereça pistas para discutir as relações que a materialidade dos textos mantém, ainda hoje, com a ordem simbólica de invenção dos escritos.<sup>25</sup>

## Referências

A BINDING with a decorative centrepiece incorporating the arms of the University, ca.1580 (Bury.1.11). Cambridge: Cambridge University Library, c2024. 1 fotografia, color. Disponível em: <https://cudl.lib.cam.ac.uk/view/PR-BURY-00001-00011/1>. Acesso em: 14 nov. 2024.

ALVES, Marco Antônio Souza. *Uma genealogia do autor: a emergência e o funcionamento da autoria moderna*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2021.

A SIMPLE binding for the University Library from the workshop of John Houlden, ca.1648 (S817.d.58.1). Cambridge: Cambridge University Library, c2024. 1 fotografia, color. Disponível em: <https://cudl.lib.cam.ac.uk/view/PR-S-00817-D-00058-00001/1>. Acesso em: 14 nov. 2024.

BENJAMIN, Walter. *Paris, capitale du XIX<sup>e</sup> siècle*. Le Livre des passages. Paris : Éditions du Cerf, 1986.

BLAIR, Ann. Managing Information. In: RAVEN, James. *The Oxford Illustrated History of the Book*. Oxford: Oxford University Press, 2020. p. 169-194.

CHARTIER, Roger. Buscando os in-quarto: materialidade do livro e significado do texto. *ArtCultura*, n. 24, v. 44, p. 9–22, 2022. DOI: <https://doi.org/10.14393/artc-v24-n44-2022-66574>.

CHATELAIN, Jean-Marc. *La Bibliothèque de l'honnête homme*. Livres, lecture et collections en France à l'âge classique. Paris: Bibliothèque nationale de France, 2003. (Collection Conférences Léopold Delisle).

GILLE, Bertrand. *Histoire des techniques*. Paris : Encyclopédie de la Pléiade, 1978.

HAMON, Philippe. *Expositions*. Littérature et architecture au XIX<sup>e</sup> siècle. Paris : José Corti, 1989.

HAMON, Philippe. *Imageries* : littérature et image au XIX<sup>e</sup> siècle. Paris : José Corti, 2001.

HANSEN, João Adolfo. Entrevista com o professor João Adolfo Hansen (USP/UNIFESP). [Entrevista cedida a] Andréa Sirihal Werkema, Daniel Lago Monteiro, Maria Juliana Gambogi Teixeira. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 32, n. 3, p. 165-170, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/39897>. Acesso em: 14 nov. 2024.

<sup>23</sup> Como podemos constatar nas grandes narrativas de bibliofilia do século XIX. A título de exemplo, ver: NODIER. Le Bibliomane. In: LADVOCAT, Pierre-François (Éd.). *Paris ou le livre des cent-et-un*. Paris: Ladvocat, 1831. v. 1, p. 87-108.

<sup>24</sup> “la ruse qui permet au rêve de s'imposer à l'industrie”.

<sup>25</sup> O presente trabalho contou com o apoio do CNPq: Projeto Materialidades do texto e literatura (Processo: 200591/2022-3) e Bolsa de Produtividade em Pesquisa (Processo: 306287/2021-8).

- HANSEN, João Adolfo. *O que é um livro?* São Paulo: Ateliê Editorial: Edições Sesc, 2019.
- HETZEL, J. CATALOGUE. Paris: J. Hetzel & Cie, 1843.
- HIER begynneth the book callid the myrroure of the worlde (Inc.2.]1.1[3494]). Cambridge: Cambridge University Library, c2024. 1 fotografia, color. Disponível em: <https://cudl.lib.cam.ac.uk/view/PR-INC-00002-J-00001-00001-03494/1>. Acesso em: 14 nov. 2024.
- JOHANNOT, Tony; MUSSET, Alfred de; STAHL, P.-J. *Voyage où il vous plaira*. Paris: Hetzel, 1843.
- KIRSOP, Wallace. Les Mécanismes Éditoriaux. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (Dir.). *Histoire de l'édition française*. Le livre triomphant. Paris : Fayard/Cercle de la librairie, 1990. t.2, p. 15-34.
- KNIGHT, Jeffrey Todd. *Bound to Read*. Compilations, Collections, and the Making of Renaissance Literature. Philadelphia: The University of Philadelphia Press, 2013.
- LYON-CAEN, Judith. *La Lecture et la vie*. Les usages du roman au temps de Balzac. Paris: Tallandier, 2006.
- MCKITTERICK, David. *La invención de los libros raros*. Interés privado y memoria pública (1600-1840). Buenos Aires: Ampersand, 2023.
- MCKITTERICK, David. *The Invention of Rare Books*. Private Interest and Public Memory, 1600–1840. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- MILLER, Julia. *Books Will Speak Plain: a Handbook for Identifying and Describing Historical Bindings*. Ann Arbor: The Legacy Press, 2010.
- MILTON'S annotated Lycidas (Adv.d.38.5-6). Cambridge: Cambridge University Library, c2024. 1 fotografia, color. Disponível em: <https://cudl.lib.cam.ac.uk/view/PR-ADV-D-00038-00005-00006/2>. Acesso em: 14 nov. 2024.
- PETRUCCI, Armando. Dal libro unitario al libro miscellaneo. In: GIARDINA, Andrea (Ed.). *Società romana e Impero tardoantico*. Roma: Laterza, 1986. v. IV: Tradizione del classici, trasformazione della cultura. p. 173-187.
- PICKWOAD, Nicholas. Bookbindings and the History of the Book. *Arhivski vjesnik*, v. 59, n. 1, p. 157-176, 2016. Disponível em: <https://hrcak.srce.hr/182501>. Acesso em: 14 nov. 2024.
- RANCIERE, Jacques. *La Parole muette* : essai sur les contradictions de la littérature. Paris : Hachette, 1998.
- RELAÇÃO das obras que o livreiro Silvino tem encadernado na Biblioteca Imperial e Pública (set. 1823, mar. 1832). [Rio de Janeiro]: [s. n.], 1832.
- SZIRMAI, J. A. *The Archaeology of Medieval Bookbinding*. London: Ashgate, 1999.
- UTSCH, Ana (Org.). *Encadernação em Perspectiva*. Cotia: Ateliê Editorial, 2024. No prelo.
- UTSCH, Ana. A febre dos livros. In: UTSCH, Ana; LANDI, Thiago (Org.). *Materialidades do texto: estudos sobre cultura impressa e literatura*. Belo Horizonte: Moinhos: Contafios, 2022a. p. 117-134.
- UTSCH, Ana. La restauration à la BnF (2) : les formes d'un savoir pratique. *Actualités de la conservation*, n. 32, p. 1-10, 2012. Disponível em: <https://bnf.hal.science/hal-00788955>. Acesso em: 14 nov. 2024.
- UTSCH, Ana. *Panorama de la encuadernación*. Bogotá: Uniandes, 2022b.
- UTSCH, Ana. *Rééditer Don Quichotte: Materialité du livre dans la France du XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris: Classiques Garnier, 2020.